



O músico e as plataformas digitais: elementos para uma etnografia do trabalho em música no Século XXI

Tássio da Rosa Ramos¹

UNIRIO / PPGM

Mestrado

Subárea do SIMPOM: *Etnografia das Práticas Musicais*

tassioramos@edu.unirio.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo defender uma abordagem materialista na análise das relações sociais, voltada a informar uma etnografia do trabalho do músico mediante às atuais plataformas digitais de comunicação e de trabalho. Para tal, procuro elencar e desenvolver brevemente alguns elementos históricos e teóricos que podem ajudar a contextualizar o momento atual nos debates, no campo da antropologia, em torno de posições materialistas e culturalistas. Por fim, procuro indicar como as sociologias do trabalho e da comunicação, de bases materialistas, têm ajudado a aprofundar a análise de alguns aspectos importantes do processo etnográfico que tenho em curso. O presente trabalho tem caráter mais exploratório do que exaustivo e, com ele, pretendo estabelecer um ponto de partida para futuros aprofundamentos.

Palavras-chave: Etnografia; Trabalho do Músico; Materialismo.

The Musician and the Digital Platforms: Elements for an Ethnography of Musician's Labour in the 21st Century

Abstract: The purpose of this article is to defend a materialist approach in the analysis of social relations, aimed at informing an ethnography of the musician's labour through current digital communication and work platforms. To this end, I list and briefly develop some historical and theoretical elements that can help to contextualize the current moment in the debates, in the field of anthropology, around materialist and culturalist positions. Finally, I indicate how the sociologies of work and communication, with materialist bases, have helped to deepen the analysis of some important aspects of the ethnographic process that I have in progress. The present work is more exploratory than exhaustive, and, with it, I intend to establish a starting point for future studies.

Keywords: Ethnography; Music Labour; Materialism.

1 Introdução

No contexto acadêmico das ciências sociais, o estudo e a prática da etnografia estão profundamente vinculados à disciplina da Antropologia e seu desenvolvimento enquanto campo de estudo. No decorrer do século XX, as diferentes tendências e transformações nas bases teóricas da Antropologia se deram em relação com transformações na política, na economia e nas configurações de poder que caracterizaram esse período

¹ Orientador: Prof. Dr. Álvaro Neder. Agência de fomento: CAPES

histórico. As duas grandes guerras, e o subsequente período da Guerra Fria, que sustentou uma divisão do mundo sob a disputa hegemônica entre comunismo e capitalismo, criaram condições para um debate entre posições teóricas de base materialista e culturalista no interior da Antropologia. Tal disputa, que permitiu ao Terceiro Mundo negociar políticas e vantagens no cenário geopolítico, forçou os antropólogos a reconsiderar também suas práticas, abrindo espaço à agência dos sujeitos da investigação antropológica (MENZIES; ALLEN MARCUS, 2007, p. 17). Ao tempo em que se fortalecia a burocracia soviética e o regime de Stalin, bem como o nazismo, assassinavam importantes intelectuais marxistas,² a Antropologia, em especial a Antropologia estadunidense, tendeu a se apoiar em estruturas teóricas mais conservadoras, como as de Émile Durkheim ou Max Weber (Ibidem, p. 14-15). O enfraquecimento do marxismo foi ainda maior com o fim da União Soviética e o subsequente clima de derrota entre aqueles que apostavam na possibilidade de uma transformação social radical. Porém, as circunstâncias atuais de aumento do desemprego, desregulamentação da proteção ao trabalho, desmonte da seguridade social e outras implementações de políticas neoliberais pelo mundo têm impulsionado o resgate da análise materialista, já que ela se mostra capaz de dar conta desta nova (mas nem tão nova) realidade.

Neste trabalho procurarei defender uma abordagem materialista voltada a informar uma etnografia do trabalho, e mais especificamente, do trabalho do músico mediado pelas atuais plataformas digitais de comunicação e de trabalho. Não pretendo construir de um argumento de cunho exaustivo, mas sim procurarei elencar e desenvolver brevemente alguns elementos que podem apoiar futuros desenvolvimentos mais robustos. Na condição de um estudante e pesquisador interessado no resultado da própria pesquisa, e ciente de que a relevância desses resultados depende de uma apropriação ainda em curso de uma quantidade bastante grande de referências e de debates, me apoiarei nos conhecimentos consolidados até o momento para iniciar um caminho de argumentação, procurando, outrossim, manter sempre aberta a porta para o desconhecido, assim como recomenda a etnografia.

² Roman Rosdolsky, no fim do seu prefácio ao livro *Gênese e Estrutura do Capital de Karl Marx*, sintetiza o problema: "[O autor] não se atreveria a escrever um comentário aos *Grundrisse* se ainda existisse hoje - como existia na primeira terça parte deste século - uma escola de teóricos marxistas que estivessem mais preparados para cumprir a tarefa. Mas a última geração de teóricos marxistas dignos desse nome já nos deixou, na maioria dos casos como vítimas do terror, hitlerista ou stalinista. Isso interrompeu por décadas o desenvolvimento do patrimônio ideológico marxista." (Rosdolsky, 2001, p. 17).

2 Marxismo e Classes Sociais

Durante algum tempo, entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o materialismo de Marx e Engels se colocou diante das demais correntes de pensamento europeias, à época ainda no início do processo de divisão do conhecimento em disciplinas, como uma potente base de luta para a transformação social. O processo histórico de consolidação do capitalismo como forma social predominante em escala mundial chegava a um estágio avançado e os papéis interpretados pelos agentes sociais se apresentavam mais evidentes do que hoje em dia, ao menos nos grandes centros industriais: de um lado, os gestores do capital, a quem competia a missão de reinvestir constantemente o valor acumulado em cada ciclo produtivo; e, de outro lado, o trabalhador, obrigado a abdicar de parte significativa do valor que produzia para sustentar a acumulação incessante do capital. O marxismo desnudava qualquer ilusão que viesse a dissimular a oposição entre essas duas posições, cujos interesses estão opostos estruturalmente por uma série de contradições irreconciliáveis.

Charles Menzies e Allen Marcus (2017) traçaram um panorama da presença da teoria marxista no interior da antropologia americana, apoiando-se na importância da categoria *classe social*. Em seu já mencionado artigo *Towards a Class-Struggle Anthropology*, os autores reconstróem o caminho de obscurecimento do materialismo por uma abordagem pós-moderna na antropologia, cuja escrita esconde a luta de classes em uma teia contínua de significados individuais e particulares, identidades resistentes e não tão resistentes, desterritorializações cambiantes e transitoriedades "geradas a partir de locais anônimos e circunstâncias des-historicizadas." (p. 24, tradução minha). Como também busco fazer aqui, os autores argumentam em favor de uma antropologia da luta de classes "com o objetivo final de alcançar a justiça social e a eliminação de uma sociedade baseada em classes" (p. 14, tradução minha). Sem rejeitar a alcunha de utopia comumente oferecida a esta pretensão, procuro me afastar das visões fatalistas e cômodas que advogam pela impossibilidade da transformação.

3 Capitalismo, estrutura e superestrutura

Em *O Capital*, Marx (2014, 2017, 2017b) identifica algumas formas ou categorias necessárias para que o capitalismo exista enquanto tal e se refere a estas como estruturais. Outras categorias, não menos importantes à vida e a existência humanas, gozam da possibilidade de transformar-se sem que isso comprometa a continuidade do capitalismo. A

estas convencionou-se chamar de superestruturais. Isso não quer dizer que as categorias superestruturais, onde se insere a cultura, tenham maior ou menor importância absoluta, mas implica que aceitar o rompimento entre a realidade social e a vigência das categorias estruturais seria o mesmo que decretar o fim da forma social capitalista. A forma valor, a classe social e o trabalho são algumas das categorias estruturais e, portanto, a relação complementar e antagônica entre uma classe proprietária, que se apropria do valor social excedente, e outra que necessita vender sua força de trabalho para sobreviver e se reproduzir enquanto classe é condição necessária à reprodução social do próprio capitalismo. A descoberta de Marx sobre o tipo de determinação que o modo de produção social da riqueza exerce sobre os outros aspectos das sociedades expôs os limites do capitalismo quanto à possibilidade de uma melhora generalizada das condições de vida das populações assujeitadas nesta forma social.

Talvez não fosse necessário ressaltar a relevância política das constatações de Marx em um ambiente de livre confrontação de ideias, mas não são estas as circunstâncias hoje, e talvez nunca tenham sido. O interesse da classe capitalista, dominante, sustentado pela necessidade da própria reprodução, está em restringir ao máximo a consciência da classe trabalhadora sob pena de ser atingida por processos revolucionários. Como enfatizaram Marx e Engels em *A Ideologia Alemã* (2007, p. 47), “As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante”. O marxismo, portanto, caminhou e sempre caminhará no contrafluxo do pensamento hegemônico enquanto a forma social for capitalista. Porém, mesmo abalado por constantes tentativas de silenciamento e desarticulação, mediante a atual investida neoliberal contra a classe trabalhadora, o marxismo tem ganhado novo fôlego, oferecendo os mesmos e poderosos recursos para o conhecimento da sociedade e para a luta consciente da classe trabalhadora.

4 Processo de expansão capitalista e a Antropologia

Uma das características do capitalismo descortinada e esmiuçada por Marx é a necessidade constante de expansão dos seus domínios, materializada até o início do século XX nos diversos processos coloniais e estendida posteriormente pelo imperialismo. Essa expansão, comumente justificada na promessa de modernização ou de progresso social, se deu por meio de violência extrema contra as populações atingidas e se utilizou, eventualmente, como um de seus instrumentos, da investigação antropológica. Na América do Norte, por

exemplo, a American Anthropological Association teve sua existência ameaçada por conta da participação de antropólogos norte-americanos em atividades de inteligência durante a guerra do Vietnã (MENZIES; ALLEN MARCUS, 2007, p. 17). No campo da antropologia da música não foi diferente:

Os intelectuais dos mundos antigo e medieval, com poucas exceções, trataram de suas próprias tradições musicais. Essa situação mudou com a era da exploração e a abertura do Novo Mundo à colonização européia. Na América Latina, missionários jesuítas, já no século XVI, estudavam a música dos indígenas que ali encontravam com o objetivo de convertê-los ao cristianismo. A etnomusicologia de hoje, pelo menos aquele ramo dela que tem etnomusicólogos da América do Norte, Europa, Austrália, Nova Zelândia e Japão viajando pelo mundo para estudar a música de outras pessoas, tem algumas de suas raízes no colonialismo e no imperialismo. Sir William Jones (1746-1794), um juiz colonial inglês na Suprema Corte de Calcutá, pode ter sido o primeiro europeu a escrever sobre a música clássica da Índia. (RICE, 2014, p. 13, tradução minha).³

De forma sintética, Rice indica, no trecho citado, uma relação entre o estudo que hoje podemos chamar de antropológico da música e o processo histórico que atravessa o período colonial e nos alcança nas atuais relações dos povos com o imperialismo. Ainda que possamos posicionar Rice no interior de uma antropologia baseada no centro do imperialismo, majoritariamente organizada em torno de uma visão que costuma autonomizar a esfera da cultura em relação às condições materiais, em alguns momentos parece haver a percepção da influência da expansão capitalista nas culturas por ela atingidas:

Os etnomusicólogos atualmente abandonaram amplamente sua concepção do mundo em duas esferas – a tradicional e a moderna. Em vez disso, eles se envolveram completamente com a mistura, hibridização e sincretismo de formas musicais que provavelmente começaram ao longo da antiga rota da seda, tornaram-se um fato vivido na esteira do colonialismo europeu e atingiram proporções sem precedentes com a penetração capitalista de mercados mundiais e locais, com a mercantilização do trabalho e das relações sociais. Hoje, a facilidade de viajar, a migração de pessoas de

³ The scholars of the ancient and medieval worlds, with a few exceptions, commented on their own musical traditions. This situation changed with the age of exploration and the opening up of the New World to European colonization. In Latin America Jesuit missionaries, as early as the sixteenth century, studied the music of the indigenous people they found there for the purpose of converting them to Christianity. Today's ethnomusicology, at least that branch of it that has ethnomusicologists from North America, Europe, Australia, New Zealand, and Japan traveling the globe to study the music of other people, has some of its roots in colonialism and imperialism. Sir William Jones (1746–94), an English colonial judge in the Supreme Court in Calcutta, may have been the first European to write about India's classical music. (RICE, 2014, p. 13).

aldeias para cidades, a emigração de pessoas de terras em dificuldades e a tecnologia prontamente disponível para compartilhar ideias e artefatos culturais em vastos espaços ajudam a configurar processos musicais em quase todas as partes do globo. (RICE, 2014, p. 99-100, tradução minha).⁴

O fato de o autor relacionar a profundidade do alcance da "hibridização" e do "sincretismo" diretamente à "penetração capitalista nos mercados mundiais e locais" e a "mercantilização das relações sociais e de trabalho" indica claramente a presença de um fundamento materialista na análise das culturas em questão. Esse modo de investigar relações entre as condições materiais - estudadas em geral pela economia - e o âmbito da cultura - foco tradicional da antropologia - costuma, porém, ser alvo de distorções bastante danosas à produção de conhecimento e a qualquer pretensão de transformação social. Até mesmo alguns antropólogos marxistas acabaram por reforçar visões esquemáticas e deterministas na relação entre economia e cultura (TURATTI, 2011). No extremo oposto, as formas hoje dominantes de organizar o conhecimento em torno dos fenômenos sociais separam a esfera econômica das demais relações sociais, criando campos pretensamente autônomos, mesmo que admitida alguma influência uns sobre os outros.

Contudo, em qualquer época histórica as relações econômicas são relações sociais. Ainda que no capitalismo se tenha a ilusão de que a economia é uma esfera separada que atua sob leis próprias [...], a definição de economia sob a qual Marx orienta sua obra deixa claro que se trata da produção social da vida e, portanto, todas as relações – de produção material propriamente ditas, as jurídico-políticas, as religiosas, as filosóficas e científicas, compõem uma totalidade indivisível. (TURATTI, 2011, p. 210).

Na busca por legitimar uma abordagem materialista para a antropologia pontuando distorções cometidas pelos pares da “escola” francesa de antropologia marxista, Turatti indica a imbricação da cultura com as relações de produção - lato sensu - de um determinado grupo, mesmo quando sua produção cultural - stricto sensu - não está posta como mercadoria. No caso das relações de trabalho estabelecidas na esteira das sucessivas

⁴ Ethnomusicologists today have largely abandoned their construction of the world in two spheres—the traditional and the modern. They have, instead, become completely engaged with the mixing, hybridization, and syncretism of musical forms that arguably began along the ancient silk road, became a fact of life in the wake of European colonialism, and has reached unprecedented proportions with the capitalist penetration of world and local markets, and the commodification of labor and social relationships. Today, the ease of travel, the migration of people from villages to cities, the emigration of people from troubled lands, and readily available technology to share ideas and cultural artifacts across vast spaces help configure musical processes in nearly every part of the globe. (RICE, 2014, p. 99-100).

revoluções tecnológicas capitalistas, e, especificamente no caso da produção musical mediada por tecnologias digitais, objeto desta investigação, não há como escapar da abordagem tanto da música quanto da força de trabalho do músico também em suas dimensões de mercadoria.

5 Etnografia do trabalho do músico nas plataformas digitais

Nos últimos anos, nos campos de estudo da comunicação e da sociologia do trabalho, muitos autores vem se debruçando sobre o tema das plataformas digitais. O termo "plataformização do trabalho" tem ganhado um caráter centralizador para estudos em torno das diferentes formas que o trabalho pode assumir quando atravessadas pelas tecnologias digitais de comunicação, presentes de forma cada vez mais generalizada no Brasil e em grande parte do mundo. Em uma definição um tanto ampla, o termo designa a "crescente dependência de infraestruturas digitais – geralmente alimentadas por dados e automatizadas por algoritmos – para a realização de atividades laborativas" (GROHMAN, 2021, p.13). Recentemente, Rafael Grohmann (2021) compilou em um livro uma série de entrevistas com autores de diversos países que vêm estudando o trabalho plataformizado. Entre os entrevistados, a fundamentação de base marxista é de notável maioria, o que corrobora dois argumentos que defendo aqui: o primeiro é o da recente retomada do marxismo como força explicativa dos fenômenos sociais, e também de luta para a classe trabalhadora; e segundo, central nesse texto, é o de que essa teoria é fundamental para informar uma etnografia do trabalho do músico nos contextos atuais de desenvolvimento tecnológico das plataformas digitais. Afinal, como sintetizou Urpi Uriarte,

A teoria e a prática são inseparáveis: o fazer etnográfico é perpassado o tempo todo pela teoria. Antes de ir a campo, para nos informarmos de todo o conhecimento produzido sobre a temática e o grupo a ser pesquisado; no campo, ao ser o nosso olhar e nosso escutar guiado, moldado e disciplinado pela teoria; ao voltar e escrever, pondo em ordem os fatos, isto é, traduzindo os fatos e emoldurando-os numa teoria interpretativa. (URIARTE, 2012, p. 1).

Na etnografia em curso atualmente, tenho buscado ouvir e compreender o trabalho de músicos, domiciliados no Rio de Janeiro, que gravam a partir de seus *home studios*, intermediados por plataformas digitais que os conectam com clientes em busca de produtos ou serviços musicais. Antes de iniciar a pesquisa, eu tinha informações superficiais sobre duas dessas plataformas, a *Musiversal* e a *SoundBetter*, e conheci outras conforme fui me

aprofundando no tema, em especial a *AirGigs*. Ainda que tenham suas especificidades, essas plataformas tem em comum o fato de intermediarem a relação entre músicos e clientes de serviços e produtos musicais. Estas citadas oferecem majoritariamente o serviço de gravação dos músicos, mas também incluem serviços de arranjo, mixagem, produção musical, entre outros. A *Musiversal* tem como uma de suas especificidades o pagamento de salário fixo por um número horas mensais disponibilizado pelo músico enquanto as outras permitem que o músico determine o preço do trabalho que será contratado e pago conforme demanda. A *GetNinjas* e a *AirGigs* são mais parecidas entre elas, ainda que tenham suas diferenças, por exemplo, no prazo para o repasse do pagamento, no alcance de clientes e na taxa cobrada. A concentração nestas três plataformas, entre outros motivos, se deve ao fato de que meus interlocutores às apontaram como mais relevantes, sendo que um deles trabalha ao mesmo tempo nas três.

Me aproximei do tema de maneira mais sistemática na medida de minhas intenções acadêmicas, ao me preparar concorrer a uma vaga no mestrado da UNIRIO, em meados de 2020, durante a pandemia de COVID-19. Na pesquisa preliminar e durante os primeiros meses de estudos sobre metodologia etnográfica, me defrontei com as dificuldades que as restrições sanitárias impunham ao desenvolvimento de uma pesquisa deste tipo. Conforme avançava meu estudo sobre etnografia e na medida em que se desenvolvia a pandemia, procurei ajustar as técnicas de pesquisa, respeitando tanto as recomendações sanitárias oficiais quanto os limites indicados pelos interlocutores em relação à possibilidade de proximidade física. Enquanto as primeiras abordagens se deram principalmente por meio de entrevistas semiestruturadas em chamadas de videoconferência, em um segundo momento elas evoluíram para entrevistas presenciais e, atualmente, avançam para a observação direta dos seus processos de trabalho. O princípio da escolha dos interlocutores se deu a partir da pesquisa preliminar sobre algumas das plataformas de trabalho, bem como de indicações advindas de colegas de trabalho no campo da música. Conforme a pesquisa foi se desenvolvendo, outros interlocutores foram sendo indicados nas entrevistas e encontros, e incorporados na medida em que se mostravam relevantes à caracterização tanto do tipo específico de trabalho – o trabalho em música, mediado por plataformas digitais – quanto dos trabalhadores que o realizam. Ainda que, por se tratar de um campo com número bastante reduzido de músicos realmente atuantes, não tenha sido especificado de antemão um recorte social específico, importa indicar aqui a confirmação, até o momento, de que trata-se de um trabalho realizado em regra por músicos homens, brancos, com idades entre 35 e 55 anos, com fluência na língua inglesa e em condições de dispor de um *home studio* com condições

para gravar com alta qualidade. Ciente da emergência e da importância dos temas de pesquisa que se relacionem diretamente aos setores sociais mais oprimidos, é lamentável constatar, por exemplo, que no dia 7 de setembro de 2021, dentre os 27 músicos do Rio de Janeiro cadastrados na plataforma *SoundBetter* que tinham pelo menos um *review*, havia apenas uma mulher e nenhum negro.

A despeito da delimitação potencialmente estreita de um "campo", que confere algum senso de unidade ao conjunto dos interlocutores, o que percebo, na condição de etnógrafo em formação (é prudente lembrar disso), é que há uma série de outras formas de trabalho em música que orbitam e complementam o trabalho nessas plataformas. As relações entre os tantos trabalhos que esses músicos executam, trabalhos pequenos e grandes, atravessados por outras tantas plataformas (e empresas), assumem configurações distintas em cada interlocutor. Todavia, a maior parte, se não todas as relações entre os atores (músicos trabalhadores, clientes, as plataformas como representantes de seus proprietários, etc.) são atravessadas por processos de compra e venda nem sempre transparentes. No que se refere às plataformas de trabalho, as quais assumo provisoriamente como um campo primário de investigação etnográfica, algumas mediações são aparentemente mais claras. O fluxo dos pagamentos, por exemplo, são bastante visíveis. Em cada operação, meus interlocutores sabem ou podem saber quanto o cliente pagou, quanto ficou com a plataforma e, obviamente, quanto eles mesmos receberam. Porém, sabemos por estudos sobre relações de trabalho em plataformas como o Uber, por exemplo, com semelhanças e diferenças em relação às plataformas que venho estudando, que a natureza da relação social nem sempre é tão transparente. No caso do Uber, o que antes se apresentava como uma promessa de trabalho autônomo ao motorista, acabou por se mostrar uma relação perversa de assalariamento disfarçado, desprovido de proteção trabalhista e sujeita a constrangimentos dos mais diversos.

Dentre algumas semelhanças entre o Uber e as plataformas de trabalho do músico abordadas na minha pesquisa, vemos, por exemplo, a necessidade de o trabalhador fornecer os instrumentos de trabalho. No caso do motorista do Uber, o instrumento principal de trabalho é o carro. No caso do músico, utilizar o próprio instrumento musical já é praxe, mas também é necessário um estúdio de gravação funcional, capaz de fornecer uma qualidade determinada, além de manter computadores atualizados e velozes o suficiente para se conectarem à plataforma. Sem contar a especialização necessária para operar esses equipamentos. Se referindo ao Uber, Ricardo Antunes traz alguns detalhes que, com prudência, também podem informar sobre relações de trabalho em plataformas semelhantes:

[...] trabalhadores e trabalhadoras com seus automóveis, isto é, com seus instrumentos de trabalho, arcam com suas despesas de seguridade, com os gastos de manutenção dos veículos, de alimentação, limpeza etc., enquanto o “aplicativo” – na verdade, uma empresa privada global de assalariamento disfarçado sob a forma de trabalho desregulamentado – apropria-se do mais-valor gerado pelo serviço dos motoristas, sem preocupações com deveres trabalhistas historicamente conquistados pela classe trabalhadora. Em pouco tempo, essa empresa se tornou global, com um número espetacularmente grande de motoristas que vivenciam as vicissitudes dessa modalidade de trabalho instável. (ANTUNES, 2020, p. 36).

As referências trazidas de autores como Ricardo Antunes, situado no campo de uma sociologia do trabalho marxista e Rafael Grohmann, advindo do campo da comunicação e que vem se destacando nos estudos do trabalho em plataformas, colocam a abordagem materialista como central na interpretação das relações sociais, em especial do trabalho. Ao me voltar para a minha pesquisa etnográfica, cujo campo é delimitado em torno de uma relação social, o trabalho, implicada de forma estrutural na forma social capitalista, entendo como necessária a apropriação de uma teoria que dê conta da complexidade e profundidade envolvida, que ultrapassa indivíduos ou mesmo grupos, e coloca suas especificidades, sem dúvida importantes e merecedoras de dedicação etnográfica, em relação com estruturas sociais que exercem diferentes níveis de determinação sobre eles. Minha intuição é de que o conhecimento sobre trabalho dos músicos nas plataformas pode ser relevante para informar a luta dos músicos, enquanto trabalhadores que são, por melhores condições de trabalho, por melhores remunerações e quem sabe, com um pouco mais de esperança, servir de alimento para um processo de transformação radical da sociedade que rompa com as relações estruturais de exploração, destruindo de vez as classes sociais. O que me move é o desejo, não recuso a alcunha de utópico, de transformação social no sentido de uma vida com liberdade não só formal ou jurídica, mas real e emancipatória, de uma sociedade onde haja espaço para superação das opressões, sem o constrangimento produzido pela necessidade de produzir altas taxas de lucro as custas do trabalho alienado daqueles que tudo produzem e de quem os sonhos são constantemente roubados.

Referências:

ANTUNES, Ricardo. *O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

GROHMANN, Rafael. Introdução: Trabalho em plataformas é laboratório da luta de classes. In: ____ (org). *Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas*. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 13–23.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007

MARX, Karl. *O capital: Crítica da economia política*. Livro 2: O processo de circulação do capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

_____. *O capital: Crítica da economia política*. Livro 1: O processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

_____. *O capital: Crítica da economia política*. Livro 3: O processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017b.

MENZIES, Charles R.; ALLEN MARCUS, A. Towards a Class Struggle Anthropology. *New Proposals: Journal of Marxism and Interdisciplinary Inquiry*, v. 1, n. 1, p. 14–39, 2007. Disponível em: <<https://ojs.library.ubc.ca/index.php/newproposals/article/view/48>>. Acesso em: 4 nov. 2021.

RICE, Timothy. *Ethnomusicology: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2014. Disponível em:

<<http://www.veryshortintroductions.com/view/10.1093/actrade/9780199794379.001.0001/actrade-9780199794379>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e Estrutura do Capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2001.

TURATTI, Maria Cecília M. Por uma antropologia materialista e histórica. In: _____. *Antropologia, Economia e Marxismo: uma Visão Crítica*. São Paulo: Alameda, 2011. p. 206–218.

URIARTE, Urpi M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Ponto Urbe*, n. 11, 1 dez. 2012.